

denominação
Fazenda Santana (Sant'Anna)

código
AII - FO2 - BP

localização
Rodovia BR - 393, km 39, 1º distrito de Barra do Pirai, RJ

município
Barra do Pirai

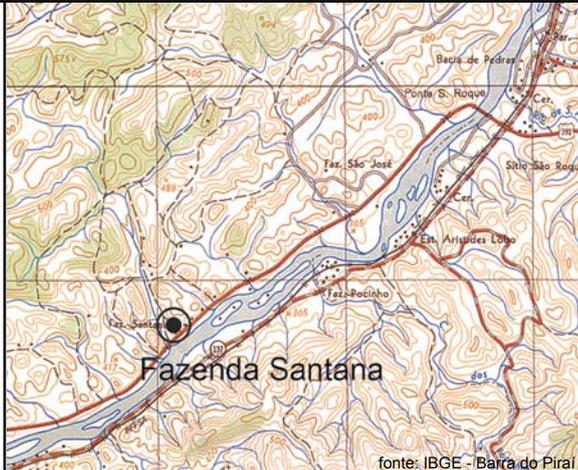
época de construção
Século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento estadual

proprietário
particular



situação e ambiência

A Fazenda Santana está implantada numa pequena elevação, à beira da rodovia federal BR-393, entre os municípios de Barra do Pirai e Vassouras, na margem oposta à localização da Fazenda do Pocinho, tendo como referência o rio Paraíba do Sul.

Imagem panorâmica das instalações e terras da Fazenda Santana



coordenador / data
equipe
histórico

Noêmia Lucia Barradas Fernandes e Cláudia Baima Mesquita - jan 2008
Daniel Soares Braz
Adriano Novaes

revisão / data
Dina Lerner - mai 2008

A paisagem circundante é característica da região, cercada de morros baixos arredondados, como “meias-laranjas”, recobertos por uma vegetação rala, mas concentrada em trechos de encostas e nos vales estreitos, “entre morros”, e/ou áreas úmidas. Quando próxima às edificações, além dos jardins, a cobertura vegetal é composta, com frequência, por uma coleção de árvores típicas dos antigos pomares ou por renques de palmeiras marcando os grandes eixos ao longo dos acessos, visando à valorização estética do sítio e de suas arquiteturas.

Logo no primeiro plano, subindo a estrada interna margeada por belas palmeiras, num platô à direita, localiza-se o conjunto de prédios que configura a planta tradicional, em “U”, das fazendas cafeeiras, a qual se denomina quadrilátero funcional. Dispostos em torno de um grande terreiro tem-se, num corpo contínuo, a casa-sede, as antigas senzalas, os avarandados voltados para o pátio interno interligando os cômodos, a capela, serviços e depósitos. Num dos cantos do antigo terreiro da Fazenda Santana, próxima à área social e a capela, foi construída uma piscina, além de jardins e, mais adiante, um pequeno santuário. Na lateral do quadrilátero, correspondente à sua área livre, uma mureta de contenção, paralela ao eixo da rodovia, fecha o polígono das construções. Deste ponto, sobre a mureta, tem-se uma visão panorâmica do rio Paraíba, das terras e ruínas do Pocinho, da BR-393 e entrada da fazenda.

Seguindo em frente pela estrada interna de acesso, em sua parte baixa, passa-se por instalações mais recentes, onde se identificam vestígios de antigos terreiros de café, canaletas de distribuição d’água, muros de pedra e outras edificações que foram demolidas, provavelmente, remanescentes de oficinas, estábulos, depósitos, casa de caseiros etc., com os seus alicerces de tijolo e pedra expostos ao tempo. Chegando-se ao final do renque de palmeiras, outro grupamento de construções se destaca pela presença de um interessante chalet, ladeado por prédio de um pavimento, também de gosto eclético. Há informações de que, em seu período áureo, as áreas de produção e apoio foram se estendendo além do núcleo original mais antigo, situado junto à entrada principal. Hoje, ao longo das alamedas, os vazios estão subdivididos e cercados para uso como haras.





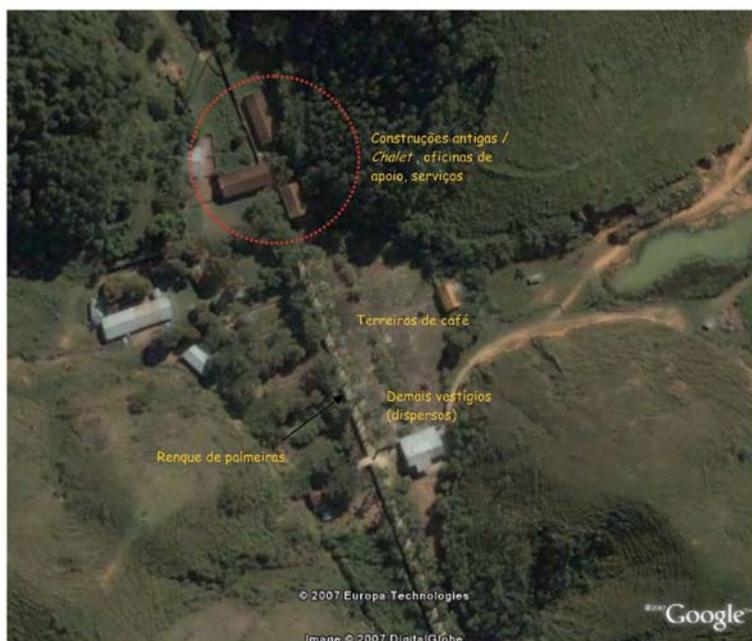
Apesar das modificações mais recentes, a Fazenda Santana é facilmente identificada como pertencente a um mesmo grupo de unidades agro-industriais que apresentam características histórico-arquitetônicas, estéticas, funcionais e outras, similares entre si. Correspondem a uma tipologia arquitetônica e construtiva mais tradicional e plasticamente “despretensiosa”, comum ao início da produção cafeeira na região do Vale, como é o caso das fazendas do Pocinho e Aliança, dentre outras.

O conjunto arquitetônico dessas fazendas é normalmente formado pela casa de vivenda, senzalas, engenho, serviços, tendo ou não capela. Constitui-se numa única composição (apesar de por vezes descontínua), que se dispõe em torno de um grande pátio central – o terreiro de café (subdividido ou não em quadras). A sua planta baixa forma um grande quadrilátero e tem o desenho de um “U”. A circulação externa ocorre através de um grande alpendre avarandado que contorna o pátio / terreiro, para onde se voltam os cômodos, com suas mais diferentes funções.

A imagem abaixo permite a visualização da planta do conjunto arquitetônico da antiga sede da Fazenda e da ambiência do sítio natural onde está implantada.



Nesta outra imagem observa-se a conformação do sítio ao longo da alameda de palmeiras que marca a estrada interna da fazenda e vestígios de pátios de café, alicerces, muros, canaletas, etc. Construções novas distribuem-se de ambos os lados da alameda, que tem no seu extremo, em destaque, edificações do final do XIX e início XX.



descrição arquitetônica

No caso de Santana, consta que a capelinha é do século XX, assim como também o são algumas intervenções e acréscimos feitos em suas varandas, a construção do anexo novo, com adaptações feitas nos ambientes internos, nas fachadas, vãos e esquadrias. No entanto, apesar dessas descaracterizações formais, perceptíveis num “olhar” mais atento, Santana constitui-se ainda num importante exemplar de nossa arquitetura rural, que, como tantos outros, sofreram interferências negativas e recorrentes, que retratam a ausência de profissionais especializados na orientação dos respectivos proprietários para a execução de um trabalho de conservação preventiva ou de restauração.



A Fazenda Santana sofreu várias intervenções e reformas que acabaram por alterar alguns aspectos originais de relevância na sua estrutura física. De acordo com referências obtidas em documentos e observações in loco, a edificação, que possuía todas as paredes em pau-a-pique e estruturas (esteios, madres, barrotes etc.) em madeira, teve o seu sistema construtivo tradicional, parcial e paulatinamente substituído por alvenarias e pilares em tijolo maciço – e suas argamassas históricas foram refeitas com produtos industrializados a base de cimento. Grande parte dos pisos em madeira foi refeito com ladrilho hidráulico, cerâmica, cimentados e revestimentos em pedra. A edificação anexa passa atualmente por reformas: as paredes mestras e as paredes internas são em tijolo maciço, com esteios, madres e barrotes em madeira e a argamassa original em saibro. O local recebeu um contrapiso em cimento, para fazer isolamento da umidade.

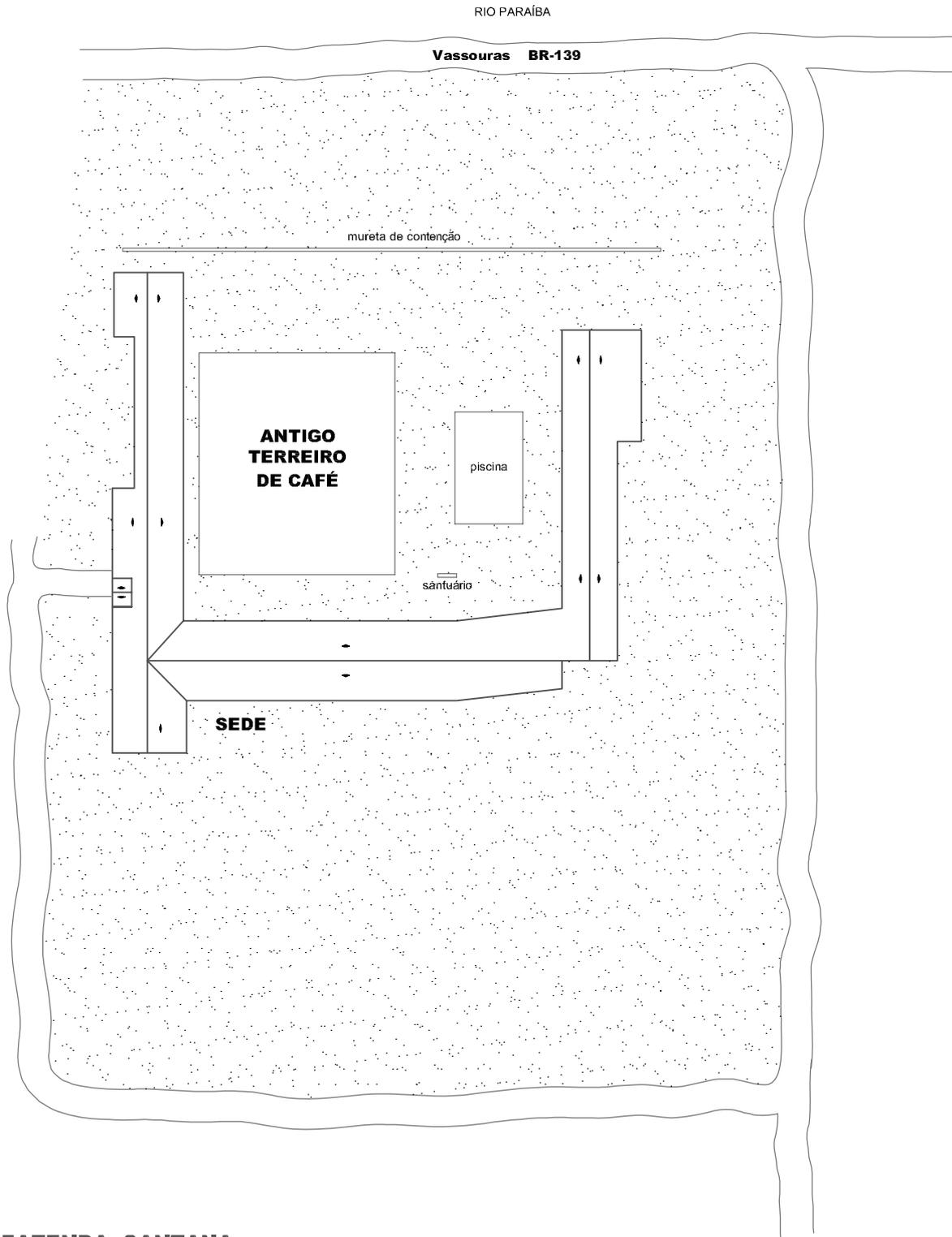
O estado geral de conservação das antigas instalações da unidade produtiva pode ser considerado razoável, sendo notados os mesmos problemas das demais construções remanescentes do período cafeeiro no Vale do Paraíba fluminense.

Dentre os elementos estruturais, as fundações se encontram em bom estado, havendo perda de material em trechos onde não há argamassa de recobrimento ou desgaste físico. Manchas de umidade e sujidades são observadas, especialmente nas canaletas que ficam junto às varandas e nas muretas que delimitam o antigo terreiro de café, assim como em alguns trechos desses elementos recobertos por argamassas de cimento. O mesmo ocorre com as paredes de vedação, internas e externas, onde se verificam fissuras e trincas verticais e diagonais, em especial, sobre as vergas dos vãos. São comuns a presença de umidade ascendente e o “esfarelamento” de algumas superfícies das argamassas de recobrimento.

Observam-se, ainda, modificações nas aberturas dos vãos e esquadrias de portas e janelas. Algumas paredes apresentam desníveis em relação ao piso, por provável “afundamento” dos barrotes, sendo que, em alguns ambientes, os esteios, as varas e a madre apresentam danos, ora por algum tipo de esforço mecânico, ora por ataque de cupins, onde se notam partes faltantes. Também os espaços externos apresentam intervenções, que os adaptaram a novos usos e necessidades, tais como áreas de recreação, estacionamentos etc.

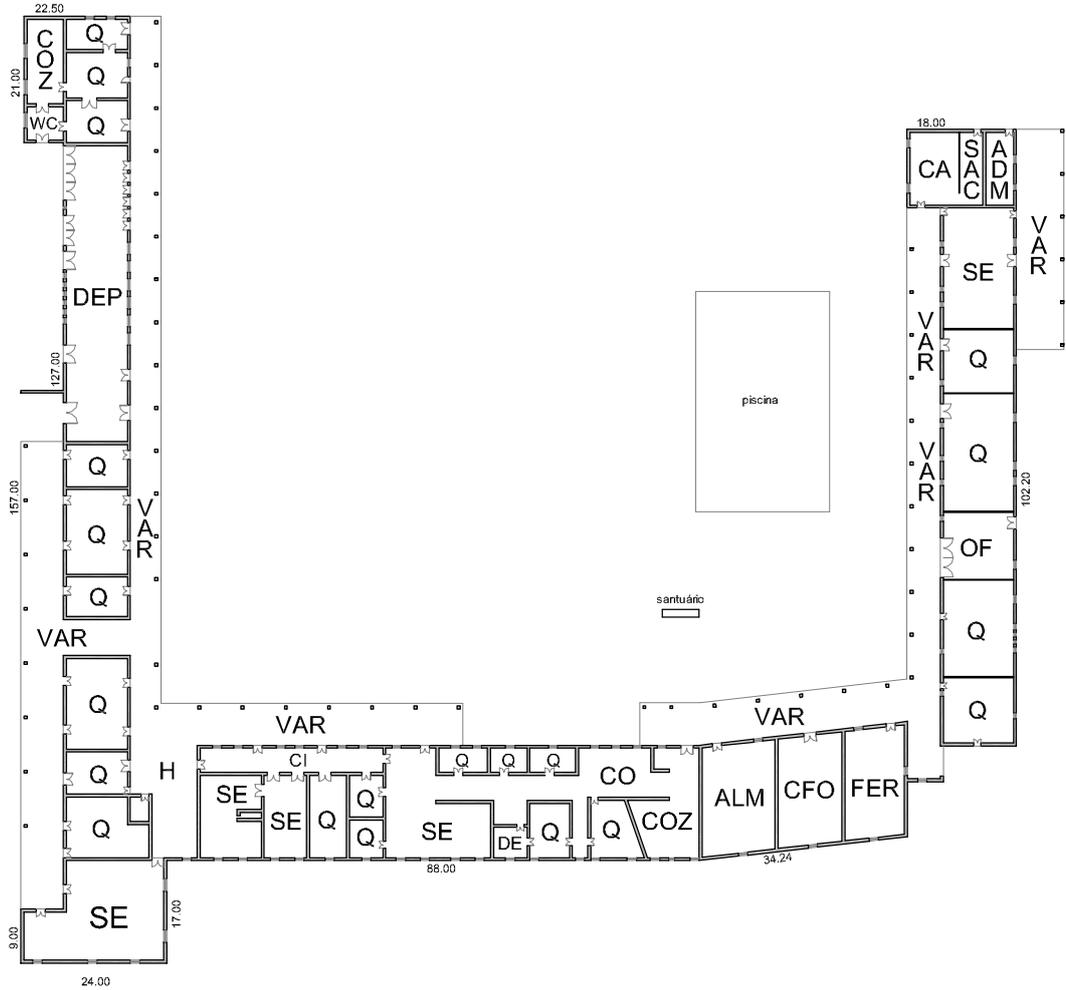






FAZENDA SANTANA
Planta de Situação escala: 1/2000

0 5 10 20 50



1 FAZENDA SANTANA
Planta Baixa da Sede - Térreo escala: 1/1250



ADM - administração	CI - circulação	DEP - depósito	H - hall	SAC - sacristia	VAR - varanda	— alvenaria existente
ALM - almoxarifado	CO - copa	DE - despensa	OF - oficina	SE - sala de estar	WC - banheiro	
CA - capela	COZ - cozinha	FER - ferramentaria	Q - quarto	S.FO - sala de força		

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII- F02 - BP

2/2

equipe:
Noemia Lucia Barradas Fernandes/ Claudia Baima Mesquita

desenhista:
Daniel S. Braz/ Monique Amaro

revisão:
Francyla Bousquet

data:
nov 2007

A família Faro foi pioneira no desbravamento de terras que se situam à margem esquerda do Rio Paraíba do Sul, atual município de Barra do Piraí, outrora município de Valença. Foram senhores de várias sesmarias, oito na margem esquerda e duas na margem direita.

O patriarca do poderoso clã foi Joaquim José Pereira de Faro, natural de Braga, Portugal, migrado para o Brasil em 1793. No Rio de Janeiro, dedicou-se ao comércio e ao tráfico transatlântico de africanos escravizados. Conquistou projeção social alcançando o posto de professor na Ordem de Cristo em 13 de maio de 1808 e, novamente, com o mesmo hábito efetivo, em 03 de maio de 1819. Foi Cavaleiro Imperial da Ordem do Cruzeiro, em 12 de outubro de 1828, fidalgo Cavaleiro da Casa Imperial, Coronel de infantaria reformado e membro da junta administrativa da Caixa de Amortização. Fez parte da Corte de D. João VI e D. Pedro I. Foi fundador e conselheiro do Montepio Geral, em 1841. E agraciado com o título de Barão do Rio Bonito em 06 de outubro de 1841.

Joaquim fundou duas fazendas: São Joaquim das Ipiabas e Santana do Parahyba, atual Santana, ambas no início do século XIX. Casou-se em 1793, no Rio de Janeiro, com Anna Rita Darrigue Faro, com quem teve nove filhos. Desses, quatro estabeleceram-se com fazendas na região. Entre eles, João Pereira Darrigue de Faro, que, seguindo os passos do pai galgou grande projeção social na Corte, chegando a ocupar a Presidência da Província do Rio de Janeiro. Foi o segundo Barão do Rio Bonito. João fundou a fazenda Monte Alegre, além de receber de herança a Fazenda Sant'Anna.

Através do casamento de José Pereira de Faro e Francisca Darrigue de Faro, filha de seu tio, o segundo Barão do Rio Bonito, a fazenda passou a pertencer ao casal. José Pereira de Faro, nascido a 6 de março de 1832, veio a se tornar o terceiro Barão do Rio Bonito. Em 1882, quando D. Pedro II visitou a fazenda de Sant'Anna, anotou em seu diário que se encontra no Museu Imperial:

“... o sistema de Faro é preparar tudo de que precisam as fazendas, até o sabão. O pão de trigo é bom; mas o de cará mais saboroso. Despolda e leva o café, cuidando de fazê-lo para os terreiros por meio de um plano inclinado sobre que corre um carro. Tem ensaiado diversos sistemas de aprontar o chão dos terreiros; mas ainda não preferiu nenhum”.

Como progressista que era, defendia a imigração dos estrangeiros e a instalação de um engenho central para fabricação de açúcar e álcool em Barra do Piraí, que, ainda hoje, guarda como lembrança sua imensa chaminé. Em 1885, hipotecou todos os seus bens ao Banco do Brasil, enumerando seus mais de 800 escravos. Três anos mais tarde, a Abolição da Escravatura o deixou em sérias dificuldades econômicas e, pouco depois, seus bens foram sendo executados pelos credores.

O Barão do Rio Bonito faleceu em 1899, com 67 anos, na cidade de Nova Friburgo, na residência do genro, Antônio Clemente Pinto, segundo Barão de São Clemente, casado com sua filha Georgina. De acordo com a Escritura de Adjudicação, datada de 25 de junho de 1897, a Fazenda Sant'Anna teve como adquirente o Comendador França Júnior, credor de parte das dívidas acumuladas por José Pereira de Faro, em virtude da crise que afetou os grandes fazendeiros.

Em 1966, a fazenda foi adquirida da sogra do Juarez Machado, esposo de Eliane Carvalho, herdeira da fazenda, por Manoel de Carvalho.

Nota:

Segundo relatório do levantamento realizado em 1977, houve uma verdadeira “cirurgia” em elementos e detalhes arquitetônicos do imóvel durante um século, sem registro dessas modificações. Na ocasião, foi identificado um único perigo potencial, representado por uma parede fora de prumo à direita da entrada principal. Ressaltavam que a deformação encontrada pode ter tido origem nas sucessivas alterações sofridas e recomendavam entendimentos com os proprietários para sua recomposição. Dentre as intervenções anteriores a 1977, destacam-se: demolição de uma ala nos fundos da fazenda, mudança de parte do madeiramento do telhado, colocação do balaustre de ferro ornamentado, retirada das calhas de coleta de águas pluviais, complementação do piso de lajotas com tijolos maciços, substituição de esquadrias por modelos diferentes do original, mudanças nos banheiros, ampliação da sacristia da capela, modificações nos jardins internos e externos, acréscimo de duas varandas nas extremidades, mudança de alguns pilares de madeira maciça por tijolos. (fonte: Inventário dos bens de interesse histórico e artístico do Estado do Rio de Janeiro. INEPAC, 1977).